

## R E S E N H A

### DOCÊNCIA: UMA CONSTRUÇÃO ÉTICO-PROFISSIONAL

TEACHING: AN ETHICAL AND  
PROFESSIONAL CONSTRUCTION

L'ENSEIGNEMENT : UNE CONSTRUCTION  
ÉTHIQUE ET PROFESSIONNELLE

DOCENCIA: UNA CONSTRUCCIÓN  
ÉTICO-PROFESIONAL

Ilma Passos Alencastro Veiga  
José Carlos Souza Araujo  
Célia Kapuziniak

Campinas: Papyrus, 2005. 142 p. ISBN: 85-308-0788-X

Responsável pela resenha: Leonardo Maia Bastos Machado \*

Comumente se louva uma obra pela sua qualidade de “fechar questão”, de tornar-se uma referência definitiva e incontornável sobre um determinado tema. E isso se dá mesmo sabendo-se que esse estatuto “definitivo” não tem com frequência senão um valor transitório, que se impõe muitas vezes de modo infundado e, ao final, em geral, por não mais do que um período de tempo bastante fugaz.

Por outro lado, mas até por essa razão mesmo, ou seja, dada essa virtual impossibilidade em apresentar de forma terminante um problema, talvez fosse interessante considerar, de forma inversa, que as maiores obras não são na verdade aquelas que nos fecham, mas antes as que nos abrem questões consistentes, que inauguram para nós determinadas séries ou redes de questões, ou, em especial, que encontram os meios para mantê-las abertas. E que, portanto, mantêm-nos, prudente, mas também inconformadamente, em estado de pesquisa.

Os trabalhos dos professores Ilma Passos Alencastro Veiga e José Carlos Souza Araújo parecem incluir-se nesse segundo conjunto. Que interesse maior eles revelam? O de manter aberta, dentro do campo dos estudos em educação, uma pesquisa continuada que se volte para a relevância dos temas ligados à ética e para as formas e

---

\* Professor da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Doutorando em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro PUC-Rio (leomaiabm@gmail.com).

condições de sua ligação com o campo educacional. Em seu caso, isso vale tanto para os desdobramentos mais teóricos da questão ética para a pedagogia, como ainda na situação de sua possível “aplicação”, que é o caso, em especial, dos esforços que ambos vêm realizando no sentido da elaboração de um código de conduta ético-profissional para a profissão docente.

Aliás, se cabe um parêntesis em nossa apresentação, é curiosa, de todo modo, essa insistência e, sobretudo, a necessidade dessa insistência. Não deveria a ética ser um elemento mais habitual nas pesquisas em educação e num ambiente em que está envolvida nada menos que a formação da pessoa?

Com efeito, isso nos leva a pensar no modo como tem se organizado o campo da educação nesses últimos tempos. Aparentemente, ele foi objeto nas quatro últimas décadas de uma grande partição, no que diz respeito a suas linhas-mestras de orientação, e que pareceu impor-lhe uma grande divisão binária. Temos, por um lado, aqueles que insistem numa ideologização do processo de ensino, visto antes como uma experiência de libertação, de cunho marcadamente social, econômico e político. Por outro, sem que isso implique necessariamente uma compreensão puramente técnica do fenômeno educacional, intensificaram-se as preocupações com o modo mesmo de funcionamento da educação: com o ensinar e o aprender, mas também com o ensinar a ensinar, e mesmo com o aprender a aprender. Ou seja, com os chamados processos de ensino-aprendizagem, em suas diversas vertentes (desde as didáticas até o estudo dos currículos e programas). E, se nas décadas de 60 e 70, a primeira tendência pareceu impor-se, nos últimos anos, vê-se, ao contrário, um maior crescimento das temáticas pertencentes ao segundo desses dois campos. A questão, que não opõe, simplesmente, uma questão de forma a outra de conteúdos, é na verdade a de uma escolha: revolução ou transmissão? (Mas seriam essas duas tendências de fato incompatíveis? Ou mesmo questões que poderiam realmente vir desligadas uma da outra? Talvez a ética, mais uma vez, pudesse exercer aí um papel fundamental).

Contudo, um grande vazio se anuncia também por detrás dessa pequena divisão. Se temos limitações grandes demais já na opção forçada por somente uma delas, maiores ainda são as limitações ao sermos obrigados a optar necessariamente por uma ou outra posição... O campo pedagógico teria assim se empobrecido a ponto de não poder oferecer senão essas duas possibilidades? Áreas vastas e absolutamente fundamentais do campo pedagógico se empobrecem com a concentração dos debates formativos e fundantes do processo educacional em uma simples oposição entre dois grandes pólos, e inúmeros problemas absolutamente cruciais, a partir disso, parecem permanecer confinados numa posição de certa inconsistência, ou num estado de equilíbrio meta-instável, de dever se equilibrar desequilibrando-se, sem poder encontrar ou medir seu verdadeiro alcance ou mesmo sem saber exatamente que posição ocupar dentro do campo dos estudos em educação ou mesmo da práxis pedagógica. A relação ética-educação, nesse caso, a nosso ver, não seria uma exceção. Ao contrário, ela aparece como um dos temas fundamentais do fazer educacional que vem sendo consideravelmente negligenciado.

Como dissemos, então, consideradas essas circunstâncias, não é dos menores méritos do trabalho dos professores Ilma Veiga e José Carlos Araújo o de fixar-se e insistir em temas concernentes à ética docente, à compreensão ético-profissional do magistério.

Em seu novo livro, *Docência: uma Construção Ético-profissional*, os dois autores retornam a esse tema maior de vinculação de suas pesquisas, agora contando com a colaboração de Célia Kapuziniak.

O objetivo desse livro, ou seja, a reflexão sobre a forma de relação entre ética e profissão no âmbito da carreira docente, pode ser descrito através das palavras dos seus autores: “O processo de construção da profissionalização docente deve iniciar com uma ampla reflexão sobre a ética em geral, que possibilite nortear as várias dimensões inerentes ao tema (...). Um projeto ético-profissional implica um processo permeado por conflitos e contradições, e suas determinações fundantes extrapolam a profissão, esbarrando nas condições reais de vida social” (p. 129).

Assim, no primeiro capítulo, é feita inicialmente uma apresentação sucinta dos processos de institucionalização do ensino e da profissão docente. Como e em que condições a carreira do magistério vai se consolidando ou, em outras palavras, como ela vem a se constituir em uma profissão, reconhecida e socialmente instituída? Por outro lado, o que essa nova profissionalização implica? Um ponto importante desse primeiro capítulo está no fato de que os autores ligam decididamente essa experiência de profissionalização a um plano ético. O que, claramente, faria dessa experiência de profissionalização também algo mais do que a simples consolidação de uma profissão... Até que ponto, portanto, a institucionalização do magistério responde a um imperativo ético, ou ainda, até que ponto o exercício da docência pode vir a ser um instrumento de eticização? A nosso ver, a combinação entre esses dois aspectos parece suscitar a questão chave que se busca apresentar nesse primeiro capítulo: a da dupla articulação ética que se impõe ao exercício da docência, que se encontra ao mesmo tempo em sua origem e em sua finalidade.

O segundo capítulo inicia-se com uma análise do “fato ético” propriamente dito. Qual o real estatuto da ética? Ela é fruto do constrangimento do indivíduo pela própria vida em comunidade, por uma repressão auto-imposta, provocada pela condição mesma de se estar entre outros? Ou ela tem origem em alguma inclinação própria e pessoal, que configura ao mesmo tempo uma vontade autônoma e uma decisão soberana? Os autores preferem explorar uma terceira possibilidade, a da existência de uma sociabilidade humana. Em certo sentido, o exercício da sociabilidade apareceria como um fundamento daquelas duas perspectivas éticas, do constrangimento ou da voluntariedade (p. 67). Entretanto, como bem indicam os autores, a hipótese do homem sociável é também problemática e, valendo-se de diversas interpretações filosóficas, buscam dar ao tema da sociabilidade uma apresentação diversificada e complexa, que permita considerá-la em sua grande abrangência: seria a sociabilidade fruto de uma aptidão intrínseca ou mesmo uma forma inata? Ou, ao contrário, ela deve ser socialmente adquirida ou pedagogicamente ensinada? Isso enseja que se retorne ao tema do capítulo anterior, da relação entre *profissão e ética*. Estaria na relação entre ambas uma chave para o entendimento das condições requeridas para uma verdadeira formação ética, bem como, a partir disso, para o reconhecimento da dimensão ética intrínseca à profissão docente?

Assim, apontam, se “o exercício profissional é uma prática social intrinsecamente relacional e, portanto, a sociabilidade lhe é inerente” (p. 65), a ética, necessariamente, deverá aparecer “como fundamentação da prática profissional; dessa forma, é necessário

conceber que a ética profissional seja uma construção socioexistencial, resultado de um debruçar-se humano na consideração de suas ações morais, em atendimento à sociabilidade vinculada ao âmbito profissional” (p. 67).

Essa relação intrínseca entre profissão e ética, entre uma função desempenhada socialmente e seu caráter formador para esta sociedade, é muito bem expressa, ainda, através de um trecho de H. Lima Vaz citado pelos autores, que reproduzimos parcialmente: para Vaz, é preciso considerar “(...) o compromisso ético dos seus participantes [de uma sociedade civil] [também] do ponto de vista da função social que desempenham e, portanto, do seu ser qualificado na sociedade (...) como é o caso na consciência profissional, e não da sua identidade simplesmente” (citado a p. 69).

A seqüência desse capítulo aprofunda conceitualmente a relação considerada para os dois termos, profissão e ética.

O capítulo seguinte, o terceiro, intitulado “A ética como expressão de consciência profissional e sociopolítica”, procura fazer já uma espécie de estudo de aplicação das possibilidades éticas no campo particular da atividade profissional do educador, partindo de outras experiências estudadas no país e tentando conceber as bases e as condições para a postulação de um código profissional para a docência: “[Seu] objetivo é refletir sobre a ética profissional e seus desdobramentos em torno de códigos de ética de profissões regulamentadas, ou que venham se movimentando tendo em vista sua regulamentação, bem como sua dimensão formativa no campo da educação superior, visando elucidar as possibilidades e os limites da ética profissional, de modo geral e, em particular, de uma possível ética profissional docente”. Procede-se então a um cuidadoso e minucioso levantamento de diversos códigos de ética em vigência no país, bem como à sua análise face aos princípios éticos que pareceram inspirá-los. Destacam-se nesse capítulo as considerações avançadas no exame particular dos diversos códigos analisados, bem como o quadro de número 2, que lista os valores morais presentes em alguns desses códigos, ilustrando de forma muito clara as principais preocupações éticas concernentes ao exercício de cada profissão (cujo efeito, aliás, é muitas vezes irônico, se comparado ao efetivo exercício de algumas das profissões elencadas...). Assim, a nosso ver, talvez tivesse sido interessante, face ao tipo de análise realizada, que se tivesse buscado fazer alguma confrontação entre os valores expressos nos códigos e as práticas efetivamente verificadas, confrontação que muitas vezes é indicada pelos autores, sem que seja, entretanto, desenvolvida de forma mais aprofundada; ou, ainda, ampliar o estudo a uma análise sobre os reflexos desses códigos sobre o exercício das respectivas profissões, medindo sua real vigência sobre as profissões que visam regular e regulamentar, por meio de entrevistas com profissionais da área, etc.. Esse seria certamente um desdobramento interessante da pesquisa atual dos autores.

A última parte desse capítulo dedica-se à apresentação das tentativas de elaboração de códigos de ética ou de conduta em “profissões inerentes ao campo educativo”, em especial a educação física, a orientação educacional, a psicopedagogia, a supervisão educacional e o magistério propriamente dito.

No quarto capítulo, os autores se voltam mais particularmente para a questão da construção de um código ético-profissional do professor, apresentando os prós e contras dessa possibilidade, bem como para o debate em torno a esse tema que vem sendo feito

por entidades profissionais docentes e por várias das principais associações nacionais ligadas ao campo da educação.

Cumpra apontar, enfim, a qualidade e amplitude da bibliografia apresentada, que demonstra patentemente o grau de conhecimento e a profunda inserção dos autores nessa área de estudos.

O livro dos professores José Carlos Araújo, Ilma Passos Veiga e Célia Kapuziniak, ainda que tenha outras tantas qualidades, tem, então, esta em especial, a de possibilitar e consolidar a abertura de uma questão, em toda sua extensão, de forma clara e ao mesmo tempo aprofundada: *quais os contornos ético-profissionais da profissão de professor? Como valorizar eticamente a carreira do magistério?*

É certamente uma pena que essa seja hoje uma questão quase perdida, uma temática muitas vezes ausente. O silêncio em torno a ela está possivelmente na raiz do declínio da profissão de professor, bem como na má qualidade da formação de nossos alunos, situações amplamente constatadas por todos os que militam no exercício da docência em nosso país.

